La Comédiathèque

Flagrante delírio

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Flagrante delírio

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um cadáver numa sauna, uma denúncia por plágio e um comissário prestes a reformar-se. Carvalho envolve-se numa investigação que ameaça transformar-se num escândalo de Estado. A menos que tudo não passe de teatro…

Personagens

Comissário Carvalho (homem ou mulher)
Inspetor Da Costa (homem ou mulher)
Comissária Rodrigues (homem ou mulher)
Comissária principal Narizon (homem ou mulher)
Barão de Casteladrão (homem ou mulher caracterizada como homem)
Baronesa de Casteladrão (mulher ou homem caracterizado como mulher)

Distribuições possíveis: 6M, 1H/5M, 2H/4M, 3H/3M, 4H/2M, 5H/1M ou 6H.
O intérprete do barão representa também Francisco Mascarrado.

© La Comédiathèque

Ato I

Uma esquadra de polícia à moda antiga. Duas secretárias, mobiliário gasto e um telefone que parece uma peça de museu. O inspetor Da Costa ressona, debruçado sobre a secretária, junto de uma garrafa de whisky. Entra o comissário Carvalho, pendura a gabardina e senta-se a ler uma revista para reformados. Na capa: «Reforma e depressão» ou «Como organizar o próprio funeral». Não parece entusiasmado. O telefone toca. Da Costa desperta lentamente. Carvalho atende.

Carvalho – Carvalho, estou? Bom dia... Não, infelizmente, o comissário Rodrigues deixou-nos.

Entra a comissária principal Narizon com uma coroa de flores onde se lê: «Ao nosso saudoso colega e amigo».

Carvalho – Sim, definitivamente... Não, não me falou desse assunto antes de partir... Não deve ter tido tempo... Claro, pode passar quando quiser.

Carvalho desliga. Narizon deixa a coroa junto da secretária dele.

Narizon – Bom dia, Carvalho.

Carvalho – Senhora comissária principal...

Narizon lança um olhar desaprovador para Da Costa, que desperta lentamente.

Narizon – Inspetor...

Carvalho – «Ao nosso saudoso colega e amigo». Narizon, não era preciso... Eu só me vou reformar!

Da Costa levanta-se e dá alguns passos vacilantes.

Narizon – Carvalho, a coroa é para o comissário Rodrigues. O funeral foi esta manhã. Tínhamos de fazer alguma coisa.

Carvalho – Ah, claro, Rodrigues... Esta manhã? E trouxeram a coroa de volta?

Da Costa aproxima-se da coroa e coloca a mão sobre ela.

Da Costa – São artificiais, não são?

Carvalho – Ah, sim, realmente estão bem feitas...

Narizon – A vantagem das flores artificiais é que duram para sempre. Como o nosso pesar. E assim podemos voltar a usá-las.

Carvalho – Claro... E, como não tem nome, serve para qualquer um...

Narizon – Como todos sabem, o orçamento da polícia foi reduzido novamente este ano para tentar reduzir o défice abismal do país...

Carvalho – Coroas funerárias falsas... É mesmo altura de me reformar. Um dia destes dão-nos pistolas de plástico e coletes à prova de bala feitos de cartão.

Da Costa – Desde que o whisky seja verdadeiro...

Da Costa tenta esconder a garrafa. Narizon lança-lhe um olhar irritado, mas não comenta.

Narizon – Então, comissário, é o seu último dia! Já se preparou para a reforma?

Carvalho – Estou a tentar informar-me pela imprensa especializada. Até agora, só me deu vontade de me matar.

Narizon – Ora, Carvalho! Ainda é novo. Podia ficar mais uns anos connosco. Para quê ir embora se tem tanto medo de se aborrecer?

Carvalho – Há que saber sair de cena antes de cansar o público, Narizon... (*Irónico*) Prefiro retirar-me no auge da carreira.

O telefone de Carvalho toca novamente.

Carvalho – Carvalho, estou? Sim, senhor diretor... Muito bem, senhor diretor... Adeus, senhor diretor... (*Desliga.*) Era o diretor.

Narizon – Imagino que fosse para lhe dar os parabéns por esta merecida reforma.

Carvalho – Queria sobretudo ter a certeza de que amanhã já cá não estou... e de que não levo comigo nenhum processo comprometedor.

Da Costa – Comprometedor para quem?

Carvalho – Tinha mais alguma coisa para me dizer, senhora comissária? Talvez um último caso?

Narizon – Por acaso não, Carvalho. O dia promete ser calmo. Terá tempo para arrumar as suas coisas.

Carvalho levanta-se e pega na coroa.

Carvalho – Vou pôr estas flores na arrecadação, à espera de um novo funeral.

Da Costa – É melhor. Assim até parece que o vão enterrar a si...

Carvalho sai com a coroa.

Narizon – A que horas é a festa de despedida dele?

Da Costa – Às seis. Depois do expediente.

Narizon – Não lhe disse nada, pois não? Tem de ser uma surpresa.

Da Costa – Não, senhora comissária. Mas será possível esconder alguma coisa a um detetive tão brilhante?

Narizon – Nada de álcool na festa, ouviu? Conhece as novas regras.

Da Costa – Não se preocupe. Eu nunca bebo fora das horas de serviço... Trocámos o champanhe por sidra sem álcool.

Narizon – É igualmente boa e muito mais barata. Mas onde escondeu as garrafas para ele não as encontrar?

Da Costa – Pus as garrafas ao fresco. Num sítio onde ele nunca as procuraria.

Narizon – Onde?

Da Costa – Na câmara frigorífica da morgue.

Narizon – Muito engenhoso... Bem, deixo-o trabalhar. E, já agora, se pudesse arrumar um pouco esta desordem, Da Costa...

Da Costa – Sim, senhora comissária.

Narizon – O procurador vem esta noite à despedida de Carvalho. Não quero que tenha má impressão da nossa esquadra.

Da Costa – Está bem, senhora comissária.

Narizon sai.

Da Costa – Parece a minha mãe a mandar-me arrumar o quarto...

Entra Concha Rodrigues e surpreende Da Costa a beber um trago de whisky.

Da Costa – Um homem já nem pode ter cinco minutos de sossego.

Rodrigues – Peço desculpa por interromper tanto trabalho...

Da Costa – Da próxima vez, anuncie-se ao agente de serviço à entrada. Em que posso ajudar?

Rodrigues – Sou a comissária Rodrigues.

Da Costa – Se a menina é a comissária Rodrigues, eu sou a Madre Teresa. Enterrámos o comissário Rodrigues esta manhã.

Rodrigues – Pois. E não me lembro de o ter visto no funeral.

Carvalho regressa com a coroa.

Carvalho – Já não há lugar na arrecadação. Quando esvaziar os meus armários, talvez arranje espaço... Por enquanto, fica aqui.

Coloca a coroa e olha para Rodrigues.

Carvalho – Senhorita... Posso ajudá-la em algo?

Da Costa – Vai rir-se, chefe. Esta senhora diz que é a comissária Rodrigues.

Carvalho – Até hoje não acreditava na reencarnação. Mas, se é verdade, desta vez ficámos a ganhar. O comissário Rodrigues tinha muito menos charme do que a menina. Não acha, Da Costa?

Da Costa – Entre nós, chamávamos-lhe Quasímodo...

Narizon regressa.

Narizon – Ah, comissária, já chegou! Senhores, apresento-vos a comissária Concha Rodrigues, filha do nosso malogrado colega, que enterrámos esta manhã com as devidas honras.

Carvalho – A sério?

Da Costa – Agora que o diz... Há realmente umas parecenças.

Carvalho – Sou o comissário Carvalho. Os meus sentimentos. Lamento não ter podido ir ao funeral, mas hoje é o meu último dia e...

Narizon – Precisamente. Esqueci-me de dizer que a comissária Rodrigues vai ficar com a sua secretária, onde o senhor já trabalhava com o pai dela.

Carvalho – Se for um assunto de família, então...

Narizon – Cortes no pessoal. Só substituímos um funcionário por cada dois que se reformam ou vão para o cemitério. Já sabem como é...

Carvalho – Portanto, a menina Rodrigues substitui-nos aos dois...

Narizon – Tenho a certeza de que esta jovem recém-formada está perfeitamente preparada para substituir dois polícias experientes. Embora, claro, ninguém substitua o comissário Carvalho...

Carvalho – Como dizia o poeta, o futuro do homem é a mulher.

Rodrigues – Obrigada por esta calorosa receção...

Narizon – Vou levá-la cinco minutos para assinar os papéis da colocação. Depois, Carvalho, ponha a nossa nova colega a par dos casos pendentes.

Carvalho – Com todo o gosto, senhora comissária.

Rodrigues – Obrigada pela coroa, fiquei muito emocionada.

Da Costa tenta esconder a coroa.

Narizon – O seu pai foi um grande polícia. Morreu ao serviço do país. Acompanhe-me, comissária.

Narizon sai com Rodrigues.

Da Costa – Ao serviço do país... Morreu durante a pausa de almoço, engasgado com um mexilhão.

Carvalho – O que é que esta fulana veio aqui fazer? Ser polícia não é como ser notário. A profissão não passa de pai para filho.

Da Costa – Talvez a filha queira pegar no testemunho que o pai deixou cair...

Carvalho – Cuidado, Da Costa, o whisky torna-o demasiado teatral. Mas tem razão. Se morrer de cirrose amanhã, ainda lhe dão uma medalha póstuma pela sua contribuição para os impostos sobre o álcool.

Da Costa – Duvido, chefe. Este whisky é contrabando, apreendido junto à fronteira espanhola.

Carvalho – Se até na fronteira já aparece whisky de contrabando, Da Costa, o fim do mundo não pode estar longe.

Da Costa – Tem razão, chefe. E morrer engasgado com um mexilhão também é um sinal muito estranho. Eu até diria... suspeito.

Carvalho – Suspeito? Não me diga que também acredita em conspirações. Acha que os criadores de ostras declararam guerra à polícia?

Da Costa – De mexilhões, chefe. As ostras não tiveram nada a ver com isso.

Carvalho – Muito bem, estou a ouvi-lo.

Da Costa – Eis a minha teoria: a filha nunca acreditou que fosse um acidente. Por isso pediu colocação na esquadra do pai, precisamente no dia do funeral.

Carvalho – E o que o leva a pensar isso, Da Costa?

Da Costa – Não sei... Já vi uma história destas numa série policial.

Carvalho – Vê demasiada televisão, Da Costa. Por falar nisso, espero que não tenha organizado uma festa de despedida surpresa. Detesto surpresas. E não há nada mais parecido com um funeral do que uma festa de despedida.

Da Costa – Descanse, chefe. As suas últimas vontades serão respeitadas. Vai partir sem flores nem coroas...

Rodrigues regressa.

Carvalho – Ah, comissária Rodrigues... Estávamos precisamente a falar do seu falecido pai.

Da Costa – E das circunstâncias heroicas da sua morte.

Carvalho lança a Da Costa um olhar reprovador.

Rodrigues – Só vejo duas secretárias. Onde me vou instalar?

Carvalho – Hoje teremos de partilhar a minha. Mas amanhã fica toda para si.

Da Costa – Claro que ainda há alguma arrumação a fazer, Rodrigues...

Rodrigues – Se não se importa, inspetor, prefiro que me trate por comissária Rodrigues.

Da Costa – Claro, comissária.

Rodrigues aproxima-se da secretária de Carvalho.

Rodrigues – Não tem computador?

Carvalho – Sou um polícia da velha escola. Quando comecei, a alta tecnologia era uma calculadora de bolso e um telefone para encontros amorosos.

Rodrigues – Entendo...

Carvalho – Reformo-me esta noite. Já não vou mudar os meus métodos de trabalho.

Rodrigues – Vou pedir à comissária principal Narizon que me arranje um computador.

Da Costa – O título exato é «comissária principal Narizon». Faz questão de que lhe respeitem o posto.

Carvalho – Quer um café?

Da Costa – A menos que a menina prefira chá... (*Rodrigues fulmina-o com o olhar.*) Perdão: a comissária Rodrigues.

Rodrigues – Café, por favor.

Carvalho serve-lhe café numa caneca ridícula, que lhe entrega com a solenidade de uma relíquia sagrada.

Carvalho – Esta era a caneca do seu pai. Acho que ele teria orgulho em passar-lha em pessoa.

Rodrigues – Obrigada... Vou tentar ser digna dela.

Carvalho – Um café, Da Costa?

Da Costa – Sim, com adoçante e uma gota de leite, por favor.

Carvalho também serve um café para Da Costa. Todos dão um gole e fazem caretas.

Carvalho – Uma verdadeira reforma da polícia começava por equipar todas as esquadras com máquinas de café expresso.

Da Costa deita uma gota de whisky no café, perante o olhar atento de Rodrigues.

Rodrigues – Sim... E com alcoolímetros.

Silêncio desconfortável. Eles terminam o café. A Baronesa Margarida de Casteladrão entra na sala.

Margarida – Comissário Carvalho?

Carvalho – Até esta noite, sim.

Margarida – Comissário, venho informar sobre a morte do meu marido.

Da Costa – Parece que os negócios estão a animar.

Carvalho – Por favor, sente-se.

Margarida senta.

Carvalho – Talvez começasse por me dizer quem é, minha senhora.

Carvalho faz sinal a Da Costa para se aproximar e ajudar.

Da Costa – Nome, apelido, idade, qualidades... Se tiver alguma.

Carvalho lança um olhar de desaprovação para Da Costa enquanto Margarida o encara furiosa.

Carvalho – Se não tiver qualidades, a profissão chega-nos.

Margarida – Baronesa Margarida de Casteladrão. Quinta do nome.

Carvalho – Comissária, se nos quiser acompanhar...

Rodrigues – Concha Rodrigues, comissária da polícia. Primeira do nome.

Da Costa – Idade, qualidades... ou profissão?

Margarida – A minha idade não lhe diz respeito. E pertenço à gente de qualidade, que, por definição, não precisa de exercer uma profissão.

Carvalho – Muito bem... Pode ao menos dizer-nos o nome do seu falecido marido?

Margarida – Henrique de Casteladrão.

Da Costa – Profissão?

Margarida – Não me diga que nunca ouviu esse nome antes...

Carvalho – Sabe, na nossa profissão vemos passar tanta gente...

Da Costa – Então, se ele não tinha antecedentes criminais...

Margarida – Os Casteladrão não têm cadastro, inspetor. Têm antepassados ilustres. Cinco gerações de nobreza!

Da Costa – Cinco gerações de nobreza? E isso dá quantos anos de garantia?

Carvalho – Nenhum, Da Costa. Quanto mais antigo, mais caro. É como os móveis.

Rodrigues – Voltando ao assunto: onde encontrou o seu marido, minha senhora?

Margarida – Quer dizer, depois da morte, suponho?

Rodrigues – Bem... sim.

Margarida – Na cave do nosso palacete, na zona do ginásio...

Da Costa – Que luxo...

Margarida – Na sauna.

Carvalho – Na sauna?

Margarida – Foi um terrível acidente, Comissário...

Rodrigues – E tem a certeza de que está morto?

Margarida – Na noite passada, não percebi que ele tinha desaparecido. O Jaguar dele não estava na garagem. Pensei que ele tinha saído. Foi só esta manhã...

Rodrigues – Esta manhã?

Margarida – Há cerca de doze horas que está na sauna.

Da Costa – Portanto, tem a certeza de que está morto.

Margarida – É difícil saber. Pelo pequeno vidro só se vê vapor... e umas marcas de unhas. Mas, com o coração fraco que tinha, não deve ter resistido.

Rodrigues – E não tentou retirá-lo de lá?

Margarida – A porta da sauna parece estar encravada. Deve ter inchado com o calor. Em vez de chamar um técnico, preferi avisar a polícia.

Carvalho – Fez muito bem. O inspetor Da Costa vai tomar-lhe o depoimento na sala ao lado. Entretanto, mandamos alguém verificar o que se passou.

Margarida – Obrigada, Comissário.

Da Costa – Baronesa, se tiver a amabilidade de me acompanhar...

Da Costa sai com Margarida.

Carvalho – Uma baronesa... A única coisa que faltava...

Rodrigues – O que acha deste caso, Comissário?

Carvalho – Este caso? Que caso? À primeira vista, parece ser apenas um acidente doméstico, não?

Rodrigues – Não sei... Esta história da sauna parece-me suspeita.

Carvalho – Morrer de um ataque cardíaco numa sauna ou engasgado com um mexilhão num restaurante... (*Rodrigues fulmina-o com o olhar.*) Desculpe. Não queria reavivar memórias dolorosas.

Rodrigues – Em ambos os casos, não acredito na teoria do acidente.

Carvalho – Compreendo que hoje esteja abalada, mas não veja crime em todo o lado, Rodrigues.

Rodrigues – Engraçado. Pensava que era precisamente essa a nossa profissão.

Carvalho – Para si, todos os inocentes são culpados que ainda não descobriram o seu crime?

Rodrigues – Não acha estranho alguém ficar preso numa sauna a noite toda?

Carvalho – Tem razão... «O mistério da sauna fechada por dentro». Dava um belo título a uma comédia policial.

Narizon entra preocupada.

Narizon – Acabei de falar com a baronesa de Casteladrão, que está a prestar depoimento sobre a morte do marido...

Carvalho – Também vai por aí? Um velho morre de ataque cardíaco numa sauna. Não estamos perante um crime do século!

Narizon – Não percebe, Carvalho. Estamos a pisar ovos! Henrique de Casteladrão não é um cidadão qualquer.

Carvalho – Ah, sim? E quem exatamente ele é?

Narizon – Nunca ouviu falar de Henrique de Casteladrão?

Carvalho – O nome diz-me vagamente alguma coisa. Mas afinal é famoso porquê?

Narizon – Já nem me lembro. Mas aparece muitas vezes na televisão.

Rodrigues – Provavelmente é por isso que toda a gente o conhece.

Carvalho – Antigamente aparecia-se na televisão por ser famoso. Agora é-se famoso por aparecer na televisão.

Narizon – Tentei ligar ao procurador Bombeiro, mas não atende o telemóvel.

Rodrigues – O procurador Bombeiro? É mesmo esse o nome dele?

Carvalho – Um nome predestinado. Quando surge um escândalo, é ele que mandam apagar o incêndio.

Narizon – De qualquer forma, Carvalho, peço que trate deste assunto com a maior discrição.

Carvalho – E eu que esperava acabar a carreira em grande...

Narizon – Nada de excessos, Carvalho. É o seu último dia. Falei ao procurador da sua condecoração; ele ia falar com o ministro.

Rodrigues – Se me permite, senhora comissária principal, gostaria de acompanhar o comissário Carvalho nesta investigação.

Narizon – Excelente ideia, Rodrigues. Não se opõe, Carvalho? Assim a nossa colega começa a ganhar experiência.

Carvalho – Quer dizer, assim pode vigiar-me e fazer-lhe um relatório...

Narizon – Isso também. Estamos a lidar com celebridades, Carvalho. Gente importante.

Carvalho – Sim, entendi. Pessoas conhecidas, enfim.

Narizon – Mas não são cidadãos como os outros.

Carvalho – Para uns, a justiça usa luvas de veludo; para outros, algemas.

Narizon – Conheço bem os seus métodos pouco ortodoxos, Carvalho. E os de Da Costa nem se fala. Confio na comissária Rodrigues para tratar deste assunto com a delicadeza necessária.

Rodrigues – Nesse caso, irei imediatamente ao local, senhora comissária.

Narizon – Conto consigo para agir com a maior discrição, Rodrigues.

Rodrigues sai.

Carvalho – Portanto, afasta-me de um caso delicado, a poucas horas da reforma?

Narizon – Claro que não! Só disse aquilo para a pôr à vontade.

Carvalho – Estou a brincar, Narizon. Este caso pouco me interessa. E, se puder ajudar a rapariga a ultrapassar o que está a passar...

Narizon – A morte do pai abalou-a muito. Conto consigo para a orientar nesta primeira investigação. Acha que podemos confiar nela?

Carvalho – De tal pai, tal filha...

Narizon – Não sei se isso me tranquiliza... O pai dela morreu engasgado com um mexilhão...

Narizon sai. Carvalho suspira e começa a esvaziar as gavetas para uma caixa de cartão.

Escuro.

Ato II

Carvalho continua a arrumar as suas coisas. Da Costa regressa.

Carvalho – O que se acumula em trinta anos de serviço, Da Costa... (*Mostra um pacote embrulhado em plástico.*) Veja, no fundo da gaveta até encontrei um quilo de cannabis de que já nem me lembrava.

Da Costa – Ainda bem que fez uma limpeza antes de Rodrigues chegar. Se não, arranjava mais motivos para criticar os nossos métodos.

Carvalho – Pergunto-me o que o seu sucessor há de encontrar nas suas gavetas quando se reformar.

Da Costa – Sobretudo garrafas vazias. Conhece-me, chefe. Não me meto em drogas.

Da Costa dá outro gole. Carvalho cheira o pacote.

Carvalho – Não sei se ainda está bom.

Da Costa – Não tem prazo de validade na embalagem?

Carvalho olha distraído.

Carvalho – De qualquer forma, vou guardar como lembrança...

Coloca o pacote na caixa.

Da Costa – Quando um homem se reforma, tem sempre um ou dois amigos com cancro a quem a cannabis medicinal pode dar algum conforto. Há que ajudar o próximo.

Carvalho – Obrigado pelo apoio moral, Da Costa. Comove-me.

Da Costa – Vou ter saudades suas, chefe. Nunca pensei dizer isto, mas desde que soube quem o vem substituir...

Carvalho – Parece que Rodrigues já não vai muito à sua cara.

Da Costa – Não lhe causei boa impressão. Não percebo porquê...

Carvalho – E quanto à festa de logo à noite, parabéns! Demorei algum tempo a descobrir onde escondia as garrafas.

Da Costa – Como adivinhou?

Carvalho – Perguntei a mim mesmo onde é que eu as esconderia.

Da Costa – E foi logo à morgue. É mesmo um grande detetive, chefe!

Carvalho – Não, Da Costa. Acabei de o fazer confessar onde escondeu o champanhe. Eu não fazia a menor ideia.

Da Costa – Quanto ao champanhe, temo que fique desiludido.

Carvalho – É vinho espumante?

Da Costa – Pior.

Carvalho – Não me diga que é sidra sem álcool... Com os cortes no orçamento, já esperava uma humilhação, mas não tanto.

Da Costa – De qualquer maneira, eu não lhe disse nada. Faça de surpreendido à frente de Narizon.

Carvalho – Um grande polícia é antes de tudo um bom ator. Que fez à baronesa?

Da Costa – Dei-lhe umas pancadas com o anuário da alta sociedade para a fazer confessar, mas não abriu a boca.

Carvalho – Confessar o quê?

Da Costa – Não sei. Não lhe fiz perguntas. Esperava uma confissão espontânea.

Carvalho – Espero que não a tenha detido! Sabe que não podemos fazer nada sem autorização do procurador.

Da Costa – A baronesa? Está a tomar chá com Narizon.

Carvalho – Às vezes a delicadeza também resulta. Já fiz velhotas confessar que mataram os maridos só com um chá de marijuana e umas bolachas.

Rodrigues volta.

Carvalho – Então, comissária, como correu a visita à sauna?

Rodrigues – Trouxe o corpo para a morgue, para ser autopsiado.

Carvalho – O médico legista dir-nos-á a causa exata da morte.

Rodrigues – E aquelas garrafas todas de sidra sem álcool na câmara frigorífica?

Carvalho – Vê, Da Costa? A investigação progride. Já sei o que vamos beber na minha festa de despedida surpresa. Maldita sidra...

Narizon chega.

Narizon – Falem mais baixo, que a viúva está no gabinete ao lado... Então é verdade? O barão morreu mesmo?

Rodrigues – Se não está morto, faz uma imitação perfeita. Estava estendido numa poça de suor. Deve ter perdido uns cinco litros.

Narizon – De sangue, suponho?

Rodrigues – Não, de suor! Ninguém resiste a perder tanta água.

Da Costa – Nunca tinha pensado nisso. Sangue, sabemos: cerca de cinco litros por pessoa. Mas quanta água há num corpo humano?

Carvalho – Somos sessenta por cento água. Deve dar uns cinquenta litros.

Da Costa – Cinquenta litros?

Carvalho – No seu caso, bastante menos, Da Costa. Com o whisky que bebe, aconselho o legista a não fumar durante a sua autópsia.

Narizon – Mas o que passou pela cabeça do barão? Toda a gente sabe que não se deve ficar tanto tempo numa sauna.

Rodrigues – Pelas minhas primeiras observações, ficou preso lá dentro. Tive de arrombar a porta.

Da Costa – Que morte horrível! Nunca mais ponho os pés numa sauna.

Carvalho – Que isso não o impeça de tomar um duche de vez em quando. Nunca ouvi dizer que alguém tivesse morrido afogado numa cabine de duche.

Narizon – Portanto, foi um acidente. Confesso que prefiro essa hipótese.

Rodrigues – Infelizmente, a coisa não é tão simples assim.

Narizon – O que mais há?

Rodrigues – Ao que parece, o barão tinha tomado comprimidos para dormir.

Narizon – Está a pensar em suicídio?

Rodrigues – A porta estava selada com cola forte, para impedir que se abrisse.

Da Costa – Já percebi: engoliu os comprimidos e colou a porta para não poder voltar atrás.

Carvalho – Matar-se trancando-se numa sauna? Em trinta anos de serviço, nunca vi tal coisa.

Da Costa – Encontrou um tubo de cola nos bolsos do morto?

Rodrigues – Não.

Carvalho – Então a sua teoria tem um pequeno problema, Da Costa.

Rodrigues – A menos que seja um homicídio.

Narizon – Primeiro suicídio, agora homicídio... Estão decididos a estragar-me o dia! Eu preferia um acidente doméstico.

Da Costa – Como sabe que ele tomou comprimidos? Ainda não foi feita a autópsia.

Rodrigues – Encontrei uma embalagem vazia de comprimidos no bolso do smoking.

Carvalho – Do smoking?

Rodrigues – Ah, esqueci-me de referir esse pormenor. A vítima vestia um smoking.

Da Costa – Ir para a sauna de smoking... É pouco habitual.

Carvalho – Mesmo nos clubes mais exclusivos duvido que seja obrigatório usar smoking para entrar numa sauna.

Da Costa – Se foi suicídio, ao menos quis sair em grande estilo. Um morto de smoking tem mais classe do que de roupão.

Narizon – Da Costa, os cadáveres não usam smoking!

Da Costa – Também dava um bom título para um policial.

Carvalho – Mas não é isso que vai fazer a investigação avançar.

Rodrigues – O assassino misturou um comprimido para dormir nos mexilhões e deixou a embalagem vazia no bolso do cadáver para simular um suicídio.

Da Costa – Mexilhões?

Rodrigues – Sim, mexilhões. Isso pode ligar este caso a outra investigação.

Narizon – Encontraram mexilhões no estômago do morto?

Rodrigues mostra um papel.

Rodrigues – Tinha no bolso uma conta do restaurante «O Paraíso das Conchas». Fica aqui perto, junto de um teatro.

Narizon mostra a capa da Guia do Lazer, ou uma revista semelhante.

Narizon – Um teatro onde está em cena uma peça escrita por Henrique de Casteladrão...

Carvalho – Eu não sabia que tinha essa paixão pelo teatro, Narizon...

Narizon – A baronesa é que me contou. Até me ofereceu dois bilhetes.

Carvalho – Confesso que este caso está a ficar mais complicado do que parecia.

Narizon – Vou tentar falar novamente com o procurador.

Narizon sai.

Da Costa – Imagine só: uma sala de ginástica inteira na cave da mansão!

Carvalho – E eu a pensar que os privilégios da aristocracia tinham acabado com a Revolução Francesa...

Rodrigues – Conseguiram alguma coisa da baronesa?

Da Costa – Está calada como um túmulo.

Rodrigues – Vou saber se o legista já descobriu alguma coisa.

Carvalho – Os túmulos podem ser silenciosos, Da Costa, mas na minha experiência os cadáveres têm muito mais para contar do que os vivos.

Da Costa – E mentem muito menos.

Carvalho – Um morto nunca nos desilude, Rodrigues.

Rodrigues – Obrigada pelos conselhos. Tenho a certeza de que vão ser preciosos para a investigação.

Rodrigues sai.

Carvalho – Ou muito me engano, ou ouvi uma ponta de ironia...

Da Costa – Um pequeno reforço, chefe?

Carvalho – Não digo que não. Agora que já sei que logo à noite só há sidra sem álcool...

Da Costa – Mais vale chegarmos bêbados à festa, não acha, chefe?

Servem-se de whisky. Entra Francisco Mascarrado, com uma peruca e um bigode falso muito vistosos. O disfarce é evidente para o público, mas não para os dois polícias.

Francisco – Bom dia, meus senhores. Francisco Mascarrado, dramaturgo.

Da Costa – Um dramaturgo... O dia vai de mal a pior.

Carvalho – Em que podemos ajudá-lo, caro senhor?

Francisco – Apresentei uma queixa há alguns dias contra Henrique de Casteladrão.

Carvalho – Ah, sim? E porquê?

Francisco – Plagiou uma peça minha, «Flagrante delírio», que está em cena há um mês num teatro aqui perto.

Carvalho – «Flagrante delírio»? Nunca ouvi falar.

Da Costa – Mas, chefe, está em todos os jornais. É um fracasso estrondoso.

Carvalho – Então porque é que os jornais falam tanto dela?

Francisco – Porque Casteladrão é uma celebridade. Até um fracasso dele vira notícia.

Carvalho – E em que podemos ajudá-lo?

Francisco – Falei do assunto com o comissário Rodrigues há uns dias, mas não tive resposta.

Carvalho – É normal. Está morto.

Francisco – O barão está morto?

Carvalho – Não, o comissário!

Francisco – Ah, que alívio...

Da Costa – Bem, o barão também morreu, mas enfim...

Carvalho – Essa informação ainda é confidencial.

Francisco – Não pode ser... Casteladrão morreu?

Da Costa – Parece abalado. E no entanto não gostava muito dele, pois não?

Francisco – Não, claro que não, mas...

Rodrigues regressa.

Carvalho – Senhor Mascarrado, apresento-lhe a comissária Rodrigues.

Francisco – Mas julgava que tinha morrido!

Carvalho – É filha do comissário Rodrigues.

Francisco – Os meus sentimentos. E como morreu?

Da Costa – Isso também é confidencial.

Francisco – Eu referia-me ao barão...

Rodrigues – Ainda não sabemos ao certo.

Carvalho – O senhor Mascarrado é dramaturgo. Parece que Casteladrão plagiou uma peça dele.

Rodrigues – Uma peça de teatro?

Francisco – «Flagrante delírio». Foi o seu pai que recebeu a queixa, comissária.

Rodrigues – A sério?

Francisco entrega um exemplar da peça e uma gravação do espetáculo.

Francisco – Aqui está o texto, publicado pelas Edições Mil-Folhas, e uma gravação do espetáculo. Assim pode verificar que se trata da mesma peça.

Margarida regressa.

Margarida – Onde está o meu marido?

Francisco – Bem, eu vou andando...

Carvalho – Vamos analisar o material e entraremos em contacto consigo.

Francisco – Obrigado. Deixei o carro num lugar reservado a pessoas com deficiência.

Francisco sai.

Rodrigues – Infelizmente, o seu marido está mesmo morto, senhora baronesa.

Margarida – Já sei, Narizon contou-me. Só queria confirmar com os meus olhos.

Carvalho – Receio que, por enquanto, o barão não esteja apresentável.

Rodrigues – Ele está na morgue. Eles...

Carvalho – Poderá identificar o corpo assim que os médicos lhe devolverem um aspeto humano...

Margarida – Espero que não demorem o dia inteiro. Tenho tanta coisa para fazer... Os preparativos do funeral, claro.

Rodrigues – Claro...

Margarida – Preciso de o ver pela última vez. Para ter a certeza de que morreu... Quer dizer, para fazer o luto.

Rodrigues – Compreendemos perfeitamente.

Carvalho – Da Costa, acompanhe a baronesa ao gabinete da comissária principal.

Margarida – Não se incomode, sei o caminho. Se ao menos se conseguisse um chá decente nesta esquadra...

Carvalho – Pergunte ao agente da entrada. É especialista em chás.

Ela sai.

Da Costa – Não parece muito abalada pela morte do marido...

Rodrigues – Então? Eu não vos dizia?

Carvalho – O quê?

Rodrigues – É evidente que estes casos estão ligados!

Carvalho – Que casos?

Rodrigues – O plágio de Mascarrado, a morte de Casteladrão... E a morte do meu pai!

Da Costa – A minha teoria é esta: Mascarrado apresentou queixa contra Casteladrão por plágio. Como o pai da comissária não resolveu o caso, Mascarrado fez justiça pelas próprias mãos, fechando o plagiador na sauna.

Rodrigues – E porquê este estranho método, na sua opinião?

Da Costa – Morrer assado depois de um fracasso teatral... Há aqui um simbolismo que nos escapa.

Carvalho – Devia ter ido para dramaturgo, Da Costa. Mas há uma falha na sua teoria: porque haveria o assassino de voltar à esquadra imediatamente a seguir ao crime?

Rodrigues – Para desviar as atenções. Quem não quer parecer culpado faz-se passar por vítima.

Carvalho entrega o livro e o DVD a Da Costa.

Carvalho – Veja estes documentos, Da Costa. Como percebe tanto de enredos policiais, diga-me o que acha.

Da Costa – Certo, chefe.

Rodrigues – Vou investigar um pouco este barão. Há qualquer coisa nele que me cheira mal.

Rodrigues abre o portátil e começa a pesquisar. Narizon entra.

Narizon – Então, em que ponto estamos?

Carvalho – Estamos a trabalhar no caso, Narizon. A não ser que o procurador Bombeiro já tenha mandado enterrar o processo juntamente com a vítima.

Narizon – Ainda não consegui falar com ele. Estou preocupada. Casteladrão estava na lista para substituir o ministro da Cultura.

Carvalho – O ministro da Cultura vai demitir-se?

Narizon – É segredo, mas descobriram que ele não sabe ler.

Carvalho – Mas não tinha estudado nas melhores universidades?

Narizon – Os diplomas eram falsos. Nunca frequentou a universidade. Diz que tinha fobia à escola. Vão obrigá-lo a demitir-se antes que rebente o escândalo.

Rodrigues ergue os olhos do ecrã.

Rodrigues – Pelos vistos, é melhor que Casteladrão não lhe suceda.

Narizon – O que quer dizer com isso, Rodrigues?

Rodrigues – Desconfio que o barão é um burlão profissional.

Narizon – Um burlão?

Rodrigues – Para começar, de barão não tem nada.

Carvalho – Não tem? Quer dizer... Casteladrão não é barão?

Rodrigues – Nem sequer é o nome de família dele. Adotou o apelido da mulher ao casar. O título é dela; ele é apenas o marido da baronesa.

Narizon – Não é proibido usar o apelido da mulher. Porque lhe chama burlão?

Rodrigues – Deve dinheiro a toda a gente. Tem processos em tribunal por todo o lado.

Narizon – Mas, se nunca foi condenado...

Rodrigues – Foi condenado várias vezes; recorreu sempre. Burla, falsificação de faturas, fraude fiscal...

Carvalho – E agora plágio.

Rodrigues – Enganou meio mundo com nomes falsos.

Carvalho espreita o ecrã do computador.

Carvalho – Até se fez passar por filósofo. Está aqui escrito!

Rodrigues – Um impostor profissional. Era capaz de vender a própria mãe só para aparecer no telejornal.

Narizon – Deve ter sido por todas essas qualidades que pensaram nele para ministro.

Da Costa levanta a cabeça.

Da Costa – Sim, chefe, é a mesma peça. A mesma história, palavra por palavra.

Carvalho – E de que trata?

Da Costa – De um caso policial muito confuso, bastante parecido com o nosso.

Carvalho – Ou seja?

Da Costa – Um homem encontrado morto numa sauna... e um comissário que morreu engasgado com um mexilhão.

Rodrigues – Bingo!

Narizon – Está a assustar-me, Rodrigues.

Rodrigues – O homem que esteve aqui há pouco não pode ter assassinado o barão.

Carvalho – E porquê?

Rodrigues – Porque Mascarrado e Casteladrão são a mesma pessoa!

Carvalho – O quê?

Carvalho – E como descobriu isso?

Da Costa – Reconhecimento facial? Análise de ADN?

Carvalho – Interpol?

Rodrigues – Na Wikipédia. Vejam: Francisco Mascarrado era o nome de Casteladrão antes do casamento.

Da Costa – Mascarrado é o apelido de solteira do barão?

Narizon – Quem é Mascarrado?

Carvalho – Um dramaturgo que denunciou o barão por plágio.

Narizon – E ele denunciou a si mesmo?

Carvalho – Que génio do crime! Apresentar queixa contra si próprio para reclamar uma indemnização.

Rodrigues volta a olhar para o ecrã.

Rodrigues – Quanto à baronesa, foi uma estrela do cinema para adultos. Fez fortuna a produzir filmes desse género.

Carvalho – Bem me parecia que aquela cara me era familiar.

Da Costa – Uma baronesa em filmes para adultos... Já nem podemos contar com a aristocracia para defender a moral.

Rodrigues – Comprou o título com um castelo em ruínas. O antigo proprietário, um cego, morreu pouco depois em circunstâncias suspeitas.

Um momento.

Narizon – Mas... se Mascarrado e Casteladrão são a mesma pessoa...

Carvalho – Então o barão está vivo! Mascarrado acabou de sair daqui!

Da Costa – E de quem é o cadáver de smoking encontrado na sauna?

Escuro.

Ato III

Carvalho e Da Costa entram e tiram os casacos.

Carvalho – Uma das poucas coisas de que vou sentir falta depois de me reformar, Da Costa.

Da Costa – Dos nossos almoços românticos, chefe?

Carvalho – Dos vales de refeição.

Da Costa – Depois da reforma vai ter tempo para cozinhar.

Carvalho – Não conhecia este restaurante. Como é que se chama?

Da Costa – O Paraíso das Conchas.

Carvalho – Ah, pois. Come-se muito bem.

Da Costa – Mexilhões com batatas fritas. Nunca falha.

Carvalho – Desde que os mexilhões sejam frescos.

Da Costa – E que ninguém morra engasgado...

Carvalho – É verdade! Foi aqui que morreu o comissário Rodrigues.

Da Costa – Ainda bem que não nos lembrámos disso antes do almoço. Perdíamos o apetite.

Carvalho – Consideremos o almoço no «Paraíso das Conchas» uma peregrinação involuntária.

Da Costa – A nossa última homenagem ao colega tão estimado... Já que faltámos ao funeral.

O telefone de Carvalho toca.

Carvalho – Carvalho, estou? Sim, senhora comissária... Muito bem... (*Desliga.*) Narizon vem para a identificação do corpo.

Da Costa – E o que acha do caso, chefe?

Carvalho – O que acho? Depois de um bom almoço, prefiro ver uma mulher bonita a um cadáver. Espero que a identificação não me faça voltar os mexilhões para fora.

Da Costa – Estou a falar da investigação, chefe.

Carvalho – Ah, do caso... Tem razão, isto está a tornar-se um melodrama.

Da Costa – Quando se reformar, pode escrever uma peça sobre isto.

Carvalho – Esperemos pelo fim para saber se vale a pena.

Um momento.

Da Costa – Posso confessar-lhe uma coisa, chefe?

Carvalho – O quê?

Da Costa – É um bocado estranho... Às vezes tenho a sensação de que alguém nos observa.

Carvalho – A nós? Quem?

Da Costa aproxima-se da boca de cena.

Da Costa – Aquelas pessoas ali no escuro. Olham para nós como se estivessem atrás do vidro de uma sala de interrogatórios.

Carvalho – Ah, sim...

Da Costa – Pagaram bilhete, pelo menos algumas. Esperam que lhes contemos uma história cujo fim nem nós conhecemos.

Carvalho – Da Costa, precisa de deixar o whisky. Está a ficar paranoico.

Da Costa – Nunca reparou que este cenário só tem três paredes?

Carvalho – Que cenário?

Da Costa – Este! O da peça em que estamos agora mesmo!

Carvalho – Quando começar a ver escaravelhos gigantes a persegui-lo, diga. Chamo-lhe uma ambulância.

Da Costa – O delirium tremens só aparece nos alcoólicos que deixam de beber, chefe.

Carvalho – Nesse caso, fico descansado.

Narizon chega acompanhada de Margarida.

Narizon – Sei que será difícil, baronesa. Eu própria nunca suportei ver um cadáver.

Margarida – Na sua profissão não deve ser fácil...

Narizon – Mesmo assim, tenho de lhe pedir que identifique o seu marido.

Margarida – Infelizmente, mal há espaço para dúvidas... Mas suponho que seja obrigatório.

Narizon – É uma mera formalidade, normalmente.

Margarida – Normalmente?

Rodrigues entra a empurrar uma maca. Sob o lençol vê-se o corpo de um homem muito alto, com os pés de fora e mocassins de borlas.

Margarida – Isto é alguma brincadeira?

Narizon – Que quer dizer com isso?

Margarida – Esse não é o meu marido!

Carvalho – O desgosto está a confundi-la. Ao menos espere para lhe ver a cara.

Margarida – O meu marido nem sequer era tão alto! E, sobretudo...

Rodrigues – O quê?

Margarida – Nunca me casaria com um homem que usasse mocassins de borlas!

Rodrigues – Ainda assim, peço-lhe que olhe para a cara dele.

Rodrigues levanta o lençol. Margarida aproxima-se, olha e fica petrificada.

Margarida – Meu Deus!

Narizon – É o seu marido?

Margarida – Não! Precisamente...

Rodrigues – Mas ficou muito perturbada.

Da Costa – Se calhar está desiludida por ainda não ser viúva.

Carvalho – Conhece este homem?

Margarida – Não... Quer dizer... Não! Nunca o vi na minha vida.

Narizon – Da Costa, leve o cadáver. Que horror! Pergunto-me se em vida já lhe cheiravam assim os pés.

Da Costa sai com o carrinho.

Margarida – Acho que vou desmaiar...

Narizon – Eu também fiquei indisposta. Vou dar-lhe qualquer coisa para recuperar.

Narizon abre uma gaveta da secretária de Da Costa, tira a garrafa de whisky e serve uma caneca a Margarida.

Carvalho – Em princípio é proibido beber na esquadra. Mas guardamos sempre uma garrafa para emergências.

Margarida bebe de um trago. Narizon serve-se da mesma garrafa. Ambas bebem.

Margarida – Nada mau. Não me importava de beber outra...

Narizon serve mais. Da Costa regressa.

Da Costa – Já arrumei a carne no frigorífico, chefe. Entre as caixas de sidra... (*Vê o whisky nas mãos da baronesa.*) Esteja à vontade, claro!

Narizon – Venha ao meu gabinete. Eu própria lhe tomo o depoimento. Afinal a vítima não é o seu marido. A boa notícia é que ainda não é viúva.

Margarida – Se a senhora o diz...

Narizon sai com Margarida. Da Costa percebe que a garrafa está quase vazia.

Da Costa – Está a ver, chefe? Whisky de doze anos, despachado em dois minutos!

Rodrigues – Tenho a certeza de que ela conhecia aquele homem.

Carvalho – Agora só falta saber quem é esse falecido...

Rodrigues – E o que fazia ele de smoking na sauna da baronesa?

Mascarrado regressa, com uma pasta na mão.

Francisco – Desculpem voltar a incomodar...

Carvalho – Olhem quem ressuscitou...

Francisco (*envergonhado*) – É sobre a morte do barão de Casteladrão.

Rodrigues – Precisamente, a sua viúva está no gabinete ao lado. Vamos chamá-la para lhe apresentar os sentimentos...

Da Costa – A menos que o senhor tenha vindo também para identificar o corpo.

Francisco – Está bem, confesso: eu sou o marido da baronesa.

Carvalho – Então afinal não está morto.

Francisco – Ao que parece, não.

Rodrigues – E porque apresentou queixa contra si próprio por plágio?

Francisco – Para dar publicidade à peça!

Rodrigues – Publicidade?

Francisco – A peça é um fracasso. Mas um escândalo de plágio dá publicidade. Se alguém a copiou, as pessoas presumem que deve ser boa.

Da Costa – Uma lógica retorcida, mas tem a sua razão.

Carvalho – E como sabemos que não está a mentir outra vez?

Da Costa – Como prova que é o verdadeiro barão?

Francisco tira o bigode falso e a peruca.

Francisco – Os grandes autores são plagiados. As peças de Henrique, nem o pior inimigo copiaria.

Narizon regressa, acompanhada por Margarida.

Narizon – Vou acompanhar a baronesa até ao carro...

Margarida vê Mascarrado.

Margarida – Meu Deus! O meu marido!

Francisco – Margarida, querida!

Margarida – Mas como é possível?

Francisco – Sou eu, querida. Não sou um fantasma.

Margarida – Ai, que impressão! Vou desmaiar...

A baronesa finge desmaiar. Francisco corre a ampará-la.

Da Costa – Até me vêm as lágrimas aos olhos...

Carvalho – Quase parece verdadeiro.

Narizon – Deixemo-los a sós neste reencontro tão comovente...

Eles saem. Margarida recupera imediatamente a consciência.

Margarida – Então? Que achaste?

Francisco – Muito bem, muito bem.

Margarida – É só isso?

Francisco – Não, estiveste ótima!

Margarida – É uma personagem muito diferente de mim. Nunca tinha feito de baronesa.

Francisco – Sim, bem, exatamente...

Margarida – O que foi?

Francisco – Talvez estejas a exagerar um bocadinho...

Margarida – Achas?

Francisco – «Meu Deus! O meu marido!» Isso nem sequer está no texto.

Margarida – Está bem. Da próxima vez, vou ser mais discreta.

Francisco – E tu, que achas da peça?

Margarida – Bem, muito bem...

Francisco – Parece-me que não estás convencida.

Margarida – Não, é original...

Francisco – Mas...?

Margarida – Não é muito realista, pois não?

Francisco – Porque dizes isso?

Margarida – Um parvo morre numa sauna porque alguém colou a porta com cola instantânea...

Francisco – Ao menos isso nunca tinha acontecido antes.

Margarida – Pois. Pergunto-me porquê... E confesso que ainda não percebi tudo. Afinal, fui eu que matei aquele homem ou não?

Francisco – Espera pelo fim e logo vês.

Margarida – Tens a certeza de que sabes como acaba?

Francisco – Tenho. Vá, voltamos à cena?

Margarida – Está bem.

Carvalho, Rodrigues e Da Costa regressam.

Carvalho – Da Costa, leve a baronesa para o lado. Ainda temos assuntos a esclarecer. Primeiro quero falar com o marido.

Da Costa segura o braço de Margarida.

Margarida – Tire as mãos de cima de mim!

Da Costa – Vi a sua filmografia na Internet. Antigamente não era tão pudica. Qual foi mesmo o filme que a tornou famosa?

Rodrigues – «O Paraíso das Conchas».

Da Costa – Ah, a comissária também percebe de cinema...

Rodrigues – Estou a falar do restaurante de marisco ao lado do teatro. Todos os envolvidos gostam de mexilhões com batatas fritas. Não é estranho, Carvalho?

Carvalho está quase a adormecer. Ao ouvir o próprio nome, desperta sobressaltado.

Carvalho – Carvalho, estou?

Rodrigues olha-o, incrédula. Da Costa e Margarida saem.

Rodrigues – Então, Casteladrão, o que tem a dizer-nos?

Carvalho – Ou prefere que o tratemos pelo nome de solteira?

Rodrigues – Quem era o homem de smoking encontrado na sua sauna?

Francisco – Não faço ideia, juro!

Carvalho – Claro, faça-se inocente...

Rodrigues – Era amante da sua mulher?

Carvalho – O marido enganado que mata o amante da mulher... Um clássico das comédias de boulevard.

Francisco – Já vos disse tudo. Admito ser um burlão, mas não sou assassino.

Narizon regressa, seguida de Da Costa.

Narizon – Senhor barão, é mesmo o senhor?

Francisco – Ao seu dispor, minha senhora.

Narizon – Ainda não vi a sua peça, mas só tenho ouvido elogios.

Francisco – A sério?

Narizon – A baronesa ofereceu-me dois bilhetes e...

Carvalho – Quando acabar os cumprimentos, podemos voltar ao interrogatório?

Narizon – Mas é claro, Comissário.

Rodrigues – O que tem nessa pasta?

Francisco – Nada de especial, garanto.

Carvalho – Polícia. Abra a pasta.

A contragosto, Mascarrado abre-a. Rodrigues examina o conteúdo.

Rodrigues – Documentos de identificação falsos, cartões de crédito falsos, cartões de saúde falsos...

Carvalho – Até há um cartão profissional de artista falso.

Francisco – Esse é verdadeiro! Juro!

Narizon – Inacreditável... Até diplomas falsos!

Francisco – Como não consigo inventar personagens no teatro, invento-as na vida real. Não é crime.

Carvalho – Falsificar documentos é crime, sim.

Da Costa – Depende. Em tempo de guerra, se estivermos do lado vencedor, chama-se patriotismo.

Rodrigues encontra um bloco de notas na pasta de Mascarrado.

Rodrigues – É uma lista de clientes?

Francisco acena afirmativamente com a cabeça.

Rodrigues – Uma verdadeira lista de gente importante...

Francisco – Só queria ajudar uns amigos em dificuldades.

Rodrigues – Veja, Carvalho. Ministros, juízes, procuradores... Até polícias!

Carvalho – A sério?

Rodrigues – Não acredito...

Narizon – O que mais?

Rodrigues – Aguentem-se: Bombeiro está aqui!

Narizon – O procurador Bombeiro?

Rodrigues – Foi este falsificador que lhe arranjou os diplomas de Direito!

Da Costa – Com a quantidade de alunos nas faculdades de Direito, qualquer dia ainda dão a este senhor um prémio de produtividade.

Narizon – Bombeiro, um impostor...

Carvalho – Cinco anos de curso resolvidos com uma assinatura. Um sonho!

Da Costa – Eu queria ter sido piloto de aviões, mas o curso era longo. Se o tivesse conhecido a tempo, talvez hoje não fosse um polícia alcoólico...

Rodrigues – Não. Seria um piloto alcoólico.

Narizon – Um procurador sem curso de Direito... Onde é que isto vai parar?

Carvalho – Sim...

Rodrigues – Bombeiro exerceu trinta anos sem ter o curso de Direito!

Francisco – Ao menos não era cirurgião...

Carvalho – Assim já percebo porque encobriu tantos casos dos amigos.

Rodrigues – Da Costa, leve-o daqui.

Da Costa sai com Mascarrado.

Narizon – Isto está cada vez mais complicado... Eu tinha um almoço marcado com o procurador, mas não apareceu.

Rodrigues – Almoçar com Bombeiro?

Narizon – Num restaurante de mexilhões...

Rodrigues – «O Paraíso das Conchas», imagino.

Narizon – Como é que sabe?

Rodrigues – E se Bombeiro tentou matar Mascarrado para o calar?

Carvalho – Faz sentido. Mascarrado chantageava-o. O procurador decidiu eliminá-lo.

Rodrigues – E enganou-se no alvo.

Da Costa regressa com o cadáver na maca.

Carvalho – Quer parar de brincar com essa maca, Da Costa?

Da Costa – O procurador não é o assassino, chefe.

Narizon – Ainda bem. Mas como sabe?

Da Costa – Porque é a vítima! (*Levanta o lençol.*) O morto encontrado na sauna é o procurador Bombeiro!

Narizon – Santo Deus! Senhor procurador!

Todos se aproximam da maca para reconhecer o rosto.

Negro.

Ato IV

Sala de interrogatórios. Margarida está sentada diante de Carvalho e Rodrigues. Carvalho levanta uma ponta do lençol que cobre o cadáver na maca.

Carvalho – Insiste em que não conhece este homem?

Margarida – Pronto, digam lá que sou uma mentirosa!

Rodrigues – Como explica então que tenham encontrado o cadáver dele, de smoking, na sua sauna?

Margarida – Há mortes estúpidas. Ouvi falar de um polícia que morreu engasgado com um mexilhão.

Rodrigues fica furiosa.

Rodrigues – Eu dou cabo dela...

Margarida – Fique sabendo que conheço pessoalmente o ministro da Cultura.

Rodrigues – Porque o seu marido lhe arranjou um diploma falso?

Carvalho – Calma, Rodrigues. Deixe-me tratar disto... Baronesa, conhece um bom oftalmologista que não tenha uma lista de espera de seis meses?

Margarida – Conheço um excelente, em frente da minha casa. Dou-lhe o número e diz que vai da minha parte.

Carvalho – Seria uma grande gentileza, Margarida.

Rodrigues – O que tem isso a ver com a investigação?

Carvalho – Nada. É para ganhar a confiança dela. E preciso de óculos novos antes de acabar o meu seguro de saúde.

Margarida – É verdade, os seguros de saúde quase não comparticipam os óculos...

Rodrigues – Baronesa, anda a enganar o seu marido?

Margarida – Minha querida, essa pergunta não se faz a uma senhora da alta sociedade.

Rodrigues – Recordo-lhe que fez fortuna em filmes para adultos.

Margarida – Um erro da juventude.

Rodrigues – Então vou ser direta: o homem da sauna era seu amante?

Margarida – Não respondo a mais nada sem a presença do meu advogado.

Carvalho – Está a ver? Agora assustou-a...

Rodrigues – Muito bem. Pode esperar pelo advogado na sala ao lado.

Da Costa coloca a coroa funerária junto do cadáver do procurador.

Margarida – Vai ouvir falar de mim, garanto. Não sabe com quem está a falar!

Rodrigues – Pelo menos nisso estamos de acordo.

Margarida sai teatralmente, esquecendo-se da mala.

Da Costa – Que casal... Nunca se sabe o que vai na cabeça daqueles dois.

Rodrigues olha para a coroa mortuária.

Rodrigues – Para que é essa coroa?

Da Costa – Uma última homenagem ao nosso querido procurador Bombeiro. Nos tribunais há dois tipos de acusados: os que não conhecem a lei e os que conhecem o juiz. Os amigos de Bombeiro vão sentir muito a falta dele.

Carvalho – Da Costa, deixe-se de filosofia e leve o procurador para um sítio fresco. Está como a justiça deste país: já começa a cheirar mal.

Da Costa – Certo, chefe.

Da Costa leva a maca. Narizon regressa.

Narizon – Informei o diretor. Está muito preocupado e pede a máxima discrição.

Carvalho – O que me preocupa é a medalha. Espero que Bombeiro tenha conseguido falar dela ao ministro antes de morrer.

Narizon – Conseguiram alguma coisa da baronesa?

Carvalho – Nem sequer conseguimos que confessasse a idade.

Narizon – Embora ela negue, Bombeiro tinha fama de mulherengo. Até eu, se quisesse...

Carvalho – Mas sabemos que a senhora nunca usou o corpo para subir na carreira. Se usasse, não teria chegado tão longe.

Da Costa regressa.

Da Costa – Bombeiro... Sempre pronto a apagar os fogos da paixão.

Carvalho – Mais um significado para esse nome predestinado.

Rodrigues – Isso não explica porque é que ele estava de smoking na sauna da baronesa.

Da Costa – Os amantes escondem-se em armários. Porque não numa sauna?

Carvalho – Mas aquela história da cola... Nunca me pareceu muito convincente.

Mascarrado regressa.

Francisco – Reconheço que não foi a minha melhor ideia.

Carvalho – Então?

Francisco – Que tal se a porta da sauna tivesse sido pregada pelo lado de fora, com martelo e pregos?

Da Costa – Gosto mais dessa versão, chefe.

Carvalho – Por mim... Que acha, senhora comissária?

Mas Narizon está absorta na maleta de Mascarrado.

Narizon – Meu Deus! Mascarrado falsificou também o diploma de Ciências Políticas do primeiro-ministro! E os diplomas de todos os outros ministros!

Carvalho – Agora sim, temos um escândalo de Estado.

Carvalho pega na mala de Margarida e vira-se de costas, fingindo examinar o conteúdo.

Rodrigues – Eis a minha teoria: para proteger o primeiro-ministro, o ministro do Interior manda matar o falsificador. Os agentes secretos enganam-se e matam o procurador, amante da baronesa, escondido na sauna como se fosse um armário.

Narizon – Um crime de Estado que termina num erro da polícia... Não gosto dessa versão, Rodrigues.

Da Costa – Ou então a baronesa quis matar o marido, mas, por engano, matou o amante que estava escondido na sauna.

Narizon – Bravo, Da Costa! Essa versão agrada-me muito mais!

Carvalho volta a pousar a mala e vira-se para os outros.

Carvalho – Passa de um escândalo de Estado para um crime passional. O governo continua no poder e eu fico com a minha medalha.

Narizon – Todos felizes e contentes.

Rodrigues – Querem acusar a viúva?

Narizon – Temos de admitir que seria conveniente...

Rodrigues – Exceto para ela, se estiver inocente.

Carvalho – Um crime passional. Sempre se pode alegar perturbação mental passageira.

Narizon – Confio em si para obter uma confissão completa da baronesa, Carvalho. Prefiro não assistir, mas tem carta-branca.

Carvalho volta a pegar na mala de Margarida e examina-a.

Carvalho – Não será preciso recorrer à força. Vejam o que encontrei na mala dela.

Carvalho retira da mala um tubo de cola forte.

Rodrigues – A arma do crime! Um tubo de cola instantânea!

Da Costa – Mas não tínhamos combinado que a porta tinha sido...

Carvalho tira da bolsa um martelo e pregos.

Carvalho – E também... um martelo e pregos!

Narizon – Perfeito! Afinal ela é mesmo a assassina. Que maravilha!

Carvalho (*Em voz baixa, para Narizon.*) – Fui eu que pus estas provas na mala dela. Sem ninguém dar por nada.

Narizon – Vê, Rodrigues? Os velhos métodos ainda dão resultado. Vamos ter saudades suas, Carvalho.

O telefone toca. Da Costa atende.

Da Costa – Estou? O quê? Não pode ser!

Narizon – E agora?

Da Costa – Ligaram da morgue. Parece que o morto não estava assim tão morto... Ressuscitou!

Narizon – Meu Deus!

Carvalho – Bombeiro está vivo?

Narizon – Um milagre!

Rodrigues – Não se esqueçam de que continua a ser um impostor.

Narizon – Não seja tão rígida, Rodrigues. Também houve quem chamasse impostor a Jesus.

Ouve-se música religiosa e a luz torna-se quase sobrenatural. Narizon ajoelha-se e benze-se.

Escuro.

Ato V

Da Costa regressa com o suposto cadáver na maca, agora ligado a um soro.

Narizon – Mas esteve mais de doze horas na morgue!

Rodrigues – O médico legista também tinha um diploma falso. Afinal, era um ator desempregado.

Carvalho – Se continuarmos a investigar, ainda descobrimos que somos todos atores.

Narizon – Mas bom aspeto não tem...

Carvalho – Uma noite numa sauna a noventa graus e depois uma morgue a vinte graus negativos... Um choque térmico daqueles acorda qualquer morto.

Da Costa – Se calhar foi isso que o ressuscitou.

Narizon – E o soro?

Da Costa – Perdeu cinco litros de água na sauna. Estamos a repor o que falta.

Margarida e Francisco regressam.

Narizon – Ah, a baronesa... e o barão!

Francisco – Podemos saber o que se está a passar?

Margarida – Ainda não chegou o meu advogado?

Carvalho – Mandámo-lo embora. Já não é preciso.

Margarida – Isto é o cúmulo!

Carvalho – Tenha calma. Está tudo a voltar ao normal.

Narizon – Temos uma boa notícia e uma má notícia.

Francisco – Diga-nos.

Narizon – O amante da sua mulher está vivo.

Francisco – Que amante?

Margarida – E qual é a boa notícia?

Narizon – Que já não há homicídio de que vos possamos acusar.

Francisco – Margarida! Tentaste matar-me?

Margarida – Um mal-entendido, querido. Explico-te mais tarde.

Narizon – Pedimos desculpa. Proponho arquivar um caso que, entre nós, ninguém percebeu desde o princípio.

Francisco – Então podemos ir embora?

Carvalho – Afinal não passou de uma má comédia policial.

Narizon – Uma comédia que podia ter deitado abaixo as instituições do Estado.

Rodrigues – Alto lá! Ainda não esclarecemos a morte do meu pai!

Narizon – Porque não haveria de ter morrido de forma absurda, como viveu?

Rodrigues – O meu pai investigava este caso. Morreu no «Paraíso das Conchas», ao lado do teatro onde representam «Flagrante delírio». Não pode ser coincidência.

Carvalho – Descubra a morada desse teatro, Da Costa. Temos de ir lá.

Narizon – Isso pode esperar, Rodrigues. Agora vamos brindar à reforma do comissário Carvalho!

Carvalho – Da Costa, traga a sidra!

Da Costa tira as garrafas de sidra sem álcool de debaixo do lençol que cobre o corpo.

Narizon – Um copinho, baronesa?

Margarida – Com prazer. Mas, por favor, trate-me por Margarida.

Narizon – Senhor barão, um copo do nosso falso champanhe?

Francisco – Obrigado. Eu finjo que bebo.

O telefone toca. Carvalho atende.

Carvalho – Carvalho, estou?

Da Costa – Vou ter saudades de ouvir isso...

Carvalho – Sim, senhor ministro... Obrigado, senhor ministro... (*Desliga.*) Meus amigos, amanhã o ministro do Interior vai condecorar-me pelos serviços prestados ao país!

Narizon – Parabéns, Carvalho! Uma bela maneira de acabar a última investigação.

Rodrigues – Mas o ministro do Interior comprou diplomas falsos a Mascarrado!

Narizon – Rodrigues, se quer fazer carreira na polícia, tem de aprender a ser mais flexível.

Francisco – Se expulsássemos todos os mentirosos do governo, ficávamos sem governo.

Carvalho – A justiça não existe para proteger todos os inocentes, Rodrigues. Existe para poupar alguns culpados a incómodos desnecessários.

Narizon – E o melhor é que não morreu ninguém! Vamos enterrar o processo, não o corpo. A vida continua.

Rodrigues – O meu pai morreu.

Da Costa – Veja o lado positivo, Rodrigues. Ser órfão também tem algumas vantagens.

Carvalho – Sobretudo quando o pai era polícia. Há apoios e subsídios excelentes.

Narizon ergue o copo para brindar.

Narizon – O comissário Rodrigues morreu! Viva a comissária Rodrigues!

Carvalho – Este gabinete passa a ser seu, Rodrigues. O seu pai teria orgulho em vê-la aqui.

Da Costa – No lugar do defunto.

Narizon – E um conselho, Rodrigues: não tente pôr esta esquadra em ordem.

Carvalho – Bem-vinda à polícia, Rodrigues. Perdeu um pai, mas ganhou uma família.

Narizon – Mais um caso resolvido, Carvalho. O seu último caso.

Da Costa – E a denúncia de plágio? Também fica arquivada?

Carvalho – Todos os escritores são falsificadores, Da Costa. Alguns até se plagiam a si próprios.

Da Costa – Ao menos não dizem que sabem governar um país.

Rodrigues – Comissário...

Carvalho – Carvalho, estou!

Rodrigues – Fui verificar a morada do teatro onde está em cena «Flagrante delírio».

Carvalho – E então?

Rodrigues – É a mesma morada desta esquadra.

Narizon – Quer dizer... estamos nós próprios a representar essa peça?

Francisco – Como disse Shakespeare: «O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres são meros atores.»

Margarida – Então brindemos ao maior dramaturgo de todos!

Todos levantam os copos.

Todos – A Shakespeare!

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-022-3

Documento para download gratuito